

DA LEGITIMAÇÃO

Wisnik e o futebol

ON LEGITIMATION: WISNIK AND SOCCER

Pedro Dolabela Chagas*

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

RESUMO

Acompanha-se a operação de legitimação do futebol como objeto de investigação intelectual em *Veneno remédio – o futebol e o Brasil*, de José Miguel Wisnik. Correspondências com outros trabalhos de legitimação semelhantes, nos estudos literários e na crítica da música pop. Após uma discussão preliminar sobre a legitimação, o artigo segue três etapas: na primeira, caracteriza-se o antagonista contra o qual Wisnik legitima o futebol mediante o cotejo de proposições de Hannah Arendt, Gilles Lipovetski e René Girard; na segunda, através de aproximações com o universo pop, discute-se a ética da legitimação de Wisnik, que não denega os problemas levantados contra o futebol, absorvendo-os, mas requalificando-os, no seu trabalho de legitimação; na terceira, vê-se como Wisnik situa na análise das especificidades do futebol o caminho para uma analítica que não o soterra sob expectativas externas à sua própria lógica de acontecimento. Ao final, localiza-se em Wisnik a proposição de que o futebol expressa *como futebol* os problemas que o afligem, proposição aliada a uma recusa em estabilizar um padrão valorativo que retire o futebol do fluxo da cultura para congelá-lo nalguma posição hierárquica específica, seja ela baixa ou elevada.

PALAVRAS-CHAVE

Legitimação, estética, futebol

À Cíntia, ao Olímpio, aos gatos.

INTRODUÇÃO

De maneira geral, será necessário legitimar todo objeto de investigação não previsto ou não rotinizado nas operações da comunidade intelectual à qual pertence o observador.

* dolabelachagas@gmail.com

A legitimação se faz necessária pelo desconhecimento, ceticismo ou menosprezo em relação a uma proposta imprevista, ponto no qual toda instabilidade será facilitadora: qualquer rachadura no consenso (quanto à escolha dos objetos e aos modos de observação) tornará o cenário mais receptivo à dúvida, tornando mais plausível – e talvez sedutora – a nova reivindicação.

Ao explorar essa receptividade à diferença, a legitimação argumentará que a inadaptação do objeto aos modelos de observação disponíveis se deve às limitações dos modelos, e não do objeto. Seletivos, seus olhares estariam condicionados pelas características dos objetos que eles tomam como paradigma, percepção que mitiga as suas pretensões à universalidade: ao mesmo tempo que assim se afirma a especificidade do novo objeto *contra* os padrões de observações dominantes, aponta-se a limitação desses padrões *contra* as suas pretensões ordinárias, restringindo-se a sua cobertura.

Tal gesto reorganiza o regime de visibilidade dos objetos, complexificando o campo de observação. Se a legitimação ilumina certos objetos, ele obscurece parcialmente outros tantos, e por isso costuma ser pensada como um jogo de “soma zero”, em que o ganho de um representa a perda de outro. Com isso a legitimação antecipa – ou *produz* – os seus antagonistas, seja ao firmar-se *contra* certas classes de observadores, seja ao se deparar com movimentos de defesa que ela não havia antecipado. O seu poder de convencimento dependerá, então, da sua capacidade de fazer do momento negativo do “antagonismo” o ponto de partida para a fundamentação (lógica e epistemológica) da sua própria plausibilidade. Pois a legitimação não pode se contentar em objetivar os pontos cegos dos outros modelos (procedimento que sempre gera, ademais, os seus próprios pontos cegos): ela deve demonstrar conhecer o seu objeto melhor do que eles poderiam fazê-lo, descrevendo-o e explicando-o de maneira mais complexa – no cotejo das suas conexões com seu entorno – e mais fiel às suas características imanentes – que passam assim a receber uma analítica própria, atenta às suas diferenças locais e às suas mudanças ao longo do tempo. O objeto ganha uma nova vida no plano da observação: livre das constrações impostas pelo olhar moldado por outras classes de objeto, ele passa a construir os seus próprios observadores, estipulando a competência necessária para a sua observação. Em outras palavras, ele ganha *autonomia* como objeto ao demandar ser observado em sua lógica própria, que o observador deverá identificar na contingência das suas atualizações.

Tudo isso está presente em *Veneno remédio – o futebol e o Brasil*, de José Miguel Wisnik. Há ali uma apresentação do futebol como um objeto que solicita uma abordagem complexa, capaz de entrecruzar uma multiplicidade de dados simultâneos, sociais, culturais, econômicos, midiáticos, estéticos e, acima de tudo, simplesmente *esportivos*. O futebol é situado na convergência de uma série de estímulos externos, ao mesmo tempo em que são destacadas as suas especificidades como esporte – pois apenas elas explicam o seu poder de provocar, mais que outros jogos de bola, a emergência do belo, do heroico, do épico, do cômico, dentro da dinâmica de um jogo regrado. Mas Wisnik sabe que a fundação dessa analítica enfrenta resistência, especialmente na comunidade estética: se estudiosos da literatura e das artes são particularmente predispostos a cotejar as interfaces sociais e econômicas dos fenômenos culturais sem perder de vista as suas especificidades estéticas, eles são igualmente predispostos a relegar o futebol a uma posição inferior da cultura – e é *contra* tal senso comum que Wisnik abre espaço para o seu objeto.

Acompanhar Wisnik em sua operação de legitimação do futebol é o objetivo deste artigo. Ao fazê-lo, estabeleceremos correspondências com outros trabalhos de legitimação semelhantes, nos estudos literários e na crítica da música pop. Nosso percurso cumprirá três etapas. Num primeiro momento, caracterizaremos o *antagonista* projetado por Wisnik, que chamaremos, para efeito de economia, simplesmente de “crítico”, utilizando o termo entre aspas sempre que nos referirmos aos representantes de uma tradição intelectual específica – a ser caracterizada mediante o comentário de autores que manifestaram, em relação ao “crítico”, percepções afins às de Wisnik. Num segundo momento, mediante comparações pontuais com a análise do rock, abordaremos um elemento importante da ética da legitimação de Wisnik, a saber: a sua não denegação dos problemas levantados pelo “crítico”, reconhecendo a necessidade de *absorver* parcialmente os seus pontos de vista no processo de legitimação do objeto, ainda que para observá-los sob outra perspectiva. Por fim, veremos como Wisnik situa no cotejo da *imanência*, i.e., das especificidades do futebol, a fundação de uma análise que não o soterra sob expectativas externas à sua própria dinâmica de acontecimento.

A LEGITIMAÇÃO COMO QUESTÃO: A FIGURA DO “CRÍTICO”

Se toda atividade intelectual pressupõe a legitimação do seu objeto, muitas vezes ela estará previamente firmada pela tradição acadêmica. Mesmo objetos inéditos podem estar já legitimados, cabendo aos observadores apenas apresentá-los à comunidade acadêmica: nos estudos literários, tal é o caso, por exemplo, da leitura de um poeta iniciante, que, apesar de desconhecido, estará previamente legitimado *enquanto poeta*. Sob esse ângulo, o objeto “futebol” aparece como um caso ambíguo: tema frequente de uma análise sociológica que mais se concentra na sua repercussão social do que na imanência do jogo, ele é ignorado pela análise estética, a princípio melhor instrumentalizada para derivar das características intrínsecas dos eventos as razões do seu impacto sobre o público (como já fizera Aristóteles em relação à tragédia).

Essa diminuição do futebol continua seguindo, ao fim e ao cabo, o velho contencioso entre a ação ou atividade “elevada” e o mero “deleite”. Mesmo o romance teve que se legitimar contra a sua descrição como gênero “vulgar”, dedicado à representação da “vida medíocre”, mercantilizado como “entretenimento rasteiro” – e *por isso* popular. Pierre-Daniel Huet, primeiro historiador conhecido do gênero, dizia que o romance nada mais era que um “agrèable amusement des honnêtes pairesseux”,¹ que ainda Henry James, mais de três séculos depois, tivesse que dignificá-lo contra as ressalvas de que o romance é majoritariamente uma “mercadoria rápida e facilmente produzida”,² de que “bons romances são bastante comprometidos por maus, e que o campo como um todo sofre descrédito quando superpovoado”, e de que o romance “provou mais do que os outros tipos [de literatura] ser acessível à vulgarização”,³ ou ainda que um Mikhail

¹ HUET. *Traité de l'origine des romans*, p. 2.

² JAMES. *A arte da ficção*, p. 25.

³ JAMES. *A arte da ficção*, p. 26.

Bakhtin⁴ o tenha encontrado como um gênero ainda não plenamente canonizado, tudo isso emblematiza a lentíssima afirmação histórica do romance contra o veredicto da “banalidade”.

Não surpreende, pois, que o futebol fique restrito, nas Humanidades, à Sociologia e à Antropologia, que privilegiam o seu impacto em seu entorno social. Que a sua estética seja debatida por um Nuno Ramos ou um Hans Ulrich Gumbrecht⁵ indica que algum gelo foi quebrado, mas nada está concluído: atesta-o o esforço que Wisnik dedica à *construção* do futebol como objeto estético. Que pouco tenha sido feito para compreender um fenômeno estético de tamanho magnetismo popular, isso resulta de certos padrões dominantes de atribuição de valor às produções humanas – em especial daqueles sustentados pelo “crítico”, em sua posição social autoatribuída.

Compreenderemos melhor aquele que chamamos de “crítico” ao aproximá-lo da descrição de Hannah Arendt do *homme des lettres* do século 18, em sua ruptura com a atitude anterior dos intelectuais em relação à sociedade. Se até então os intelectuais haviam se postado como um corpo de especialistas necessário para o bom funcionamento do aparato estatal, os *hommes des lettres*

recusa[vam] esse tipo de serviço ao governo e retira[vam]-se da sociedade, primeiro da sociedade da corte e da vida de cortesãos, e depois da sociedade dos *salons*. Instruíam-se e cultivavam o espírito num isolamento voluntário, tomando assim uma distância calculada do social e do político, dos quais aliás estavam excluídos de qualquer maneira, para avaliá-los com perspectiva. Apenas a partir dos meados do século XVIII passamos a encontrá-los em rebelião aberta contra a sociedade e seus preconceitos.⁶

O *homme des lettres* se autoexilava da ação pública, mas se atribuía a maior capacidade de discernimento; se autoexilava das trocas cotidianas, mas se atribuía a melhor capacidade de percepção; rejeitava os padrões medianos de gosto, mas se atribuía a melhor qualidade de juízo. À margem da sociedade, ele se comportava como o seu melhor observador, jamais se perguntando se esse isolamento não comprometeria o seu *conhecimento* da matéria observada. Quando dois intelectuais ainda hoje influentes escreveram que

[a] cooperação [das equipes esportivas modernas] está regulada de tal sorte que nenhum membro tenha dúvidas sobre seu papel e para cada um haja um suplente a postos[; n]o esporte, assim como em todos os ramos da cultura de massas, reina uma atividade (...) funcional,⁷

o que chama a atenção não é apenas a inverdade da consideração (pois é óbvio que as diferenças entre os corpos e as habilidades dos atletas faz com que nenhuma substituição permita que uma mesma função tática seja desempenhada da mesma maneira). Clamoroso, na citação, é quão nitidamente os autores consideravam que os temas

⁴ BAKHTIN. *Questões de literatura e de estética*. A teoria do romance.

⁵ Cf. WISNIK. *Veneno remédio – o futebol e o Brasil*.

⁶ ARENDT. *Sobre a revolução*, p. 167.

⁷ ADORNO; HORKHEIMER. *Dialética do esclarecimento*, p. 87.

abordados – o esporte e a “cultura de massas” – *não eram dignos de serem conhecidos*. Que eles tivessem lógicas e histórias próprias, isso era irrelevante, e chama a atenção o quão pouco os dois “críticos” se interessavam em de fato *conhecê-los* – o que não os impedia de abordá-los sem qualquer desconforto. Tal é a atitude modelar do “crítico” (do *homme des lettres*) diante dos fenômenos de sucesso quantitativo; em larga medida, essa é postura à qual Wisnik se contrapõe logo na abertura da sua obra, ao diagnosticar que

(...) a onipresença do jogo de bola soa abusiva e irrelevante para quem acompanha a discussão cultural. Assim, mais do que desconhecimento recíproco entre as partes, pode-se falar, de fato, de uma dupla resistência. Viver o futebol dispensa pensá-lo, e, em grande parte, é essa dispensa que se procura nele. Os pensadores, por sua vez, à esquerda ou à direita, na meia ou no centro, têm muitas vezes uma reserva contra os componentes antiintelectuais e massivos do futebol, e temem ou se recusam a endossá-los, por um lado, e a se misturar com eles, por outro.⁸

Ao não se “misturar” com aquilo que critica, o “crítico” faz do lugar social que ele se autoatribui um pressuposto fundador das suas atribuições de valor, que imediatamente se politizam ao serem enunciadas por uma voz exteriorizada em relação ao pensamento e à sensibilidade mediana, e que pretende derivar dessa exterioridade a sua competência diretiva – assim fazendo de uma deficiência cognitiva uma virtude política, advinda supostamente do seu não pertencimento à “impureza” do mundo. O “crítico” se isola da matéria criticada como se eles não habitassem o mesmo universo, mesmo quando discute o seu entorno social imediato. Ele instaura a divisão entre um “eu” (que, retórica e performativamente, atua como um *nós*) e um “eles”, que, colocados em campos opostos, delimitam o território relativo aos agentes (“*nós*” ou “*eles*”) e às produções (“*nossas*” ou “*deles*”) dignos de valor elevado e merecedores da posição de modelo – imaginando que essa partilha do juízo contribua positivamente para o devir social ao elevar a formação do público futuro, mediante a recusa do estado atual de coisas. Na base dessa recusa, está a rejeição do “mero entretenimento” (descartado como “alienante”), por onde se demanda ao prazer uma *justificação* que, nos termos colocados pela “crítica”, ele não teria como oferecer. A deslegitimação do prazer como finalidade em si mesma, a repulsa ao mercado, a ansiedade com o futuro e a rejeição do presente, o desprezo à “razão instrumental”, são todas elas noções que se entrelaçam nessa atribuição de valores, forçando uma legislatura em que o “crítico” não apenas distingue o bom do ruim, mas também trata o “ruim” como “mal”. A produção “ruim” não é apenas de má qualidade: ela *prejudica* quem a consome, prejudicando, por extensão, “toda a sociedade” – mesmo que os próprios “prejudicados” não se apercebam do fato. A cobertura dessa atribuição de valores atinge um verniz “metafísico”; nas palavras de Wisnik,

a denúncia de um quadro universal em que “vidas vazias” são ocupadas pelo “conteúdo insignificante” do jogo está ligada (...) ao fato de que cristianismo, islamismo e socialismo se propõem a salvar a humanidade, lançando-a a um outro tempo, ou além do tempo, enquanto o futebol, que não se propõe a nada senão à ocupação do tempo, acaba por ocupar o seu lugar de modo intranscendente. (...) Aplicada (...) ao final do século XX, a questão ganha uma escala universal devastadora e invertida: tudo sucumbe à despolitização

⁸ WISNIK. *Veneno remédio* – o futebol e o Brasil, p. 11-12.

e à desqualificação dos conteúdos culturais, substituídos, no mundo do espetáculo massificado e mercantilizado, pelo vazio do mais difundido dos jogos de bola. Assim, o futebol (...) serviria agora ao totalitarismo do poder econômico, que lhe dá o seu rematado alcance mundial, e presta-se a promover a aceitação conformista do trabalho alienado.⁹

Wisnik não está sozinho nessa insatisfação com essas demandas “transcendentes”. Em René Girard, Gilles Lipovetski, Luc Boltanski e Laurent Thévenot (entre outros nomes possíveis), temos um belo repertório de recusas à concepção-de-si e às pretensões da “crítica”. Quando Lipovetski debate a atuação das grandes estruturas materiais e simbólicas – o “capitalismo”, o “mercado”, a “ideologia” – sobre o saber e os hábitos das “sociedades de consumo”, ele não nega a importância daquelas estruturas, mas tampouco deixa de questionar a analítica que lhes atribui um poder quase “demiúrgico” de determinação da realidade social. Se não vivemos no “melhor dos mundos”, tampouco devemos acatar o rigor das grandes expectativas: ao invés de postularmos estados “ideais” como termos de referência para o juízo da realidade, devemos observar as possibilidades que a realidade (bem ou mal) materializa – que não são “puras”, “belas” ou “definitivas”, mas que são fecundas em sua instabilidade inerente. Assim, ao invés de clamarmos por uma liberdade *total*, poderíamos reconhecer as pequenas instâncias de negociação; ao invés de uma autonomia *plena*, dignificaríamos as autonomias locais; em lugar de uma felicidade *absoluta*, reconheceríamos as pequenas satisfações mundanas; em troca da abnegação no presente com vistas a um futuro imaginado, legitimaríamos a fruição do presente. Em vez de *um* modelo teríamos vários modelos; no lugar de *uma* verdade, várias verdades; no lugar de *uma* linha de ação, legitimaríamos a escolha – enquanto a “crítica” remete ao absoluto, encontrando na realidade a eterna repetição da sua própria insuficiência. Para a “crítica”, “o que diverte não poderia educar o espírito, o que distrai só pode desencadear atitudes estereotipadas, o que é consumido só pode opor-se à comunicação racional, o que seduz a massa só pode engendrar opiniões irracionais”.¹⁰ O alívio é que Lipovetski acredita que hoje a “crítica” esmorece, pois “saímos da era das profecias seculares com ressonância religiosa. (...) Não temos mais megassistemas, temos a flutuação e a versatilidade das orientações. (...) as interpretações do mundo foram aliviadas da sua gravidade anterior.”¹¹

Tal “gravidade” é tanto causa quanto consequência da cobertura *universal* que Wisnik identificava no juízo que rebaixa o futebol politicamente, filiando-o às grandes religiões milenaristas e ao milenarismo laico (filosófico ou científico). De modo análogo, ao analisar as pretensões do “crítico” em seu autoisolamento do mundo, René Girard desmistificou o mito da razão desmistificadora ao descrever deste modo o “desmistificador”:

La *lucidité* de notre époque sait reconnaître la présence du sacré dans les désirs qui paraissent les plus naturels. La réflexion contemporaine découvre des “mythes” et de la “mythologie” dans chacun de nos désirs. (...) Pas un désir n’échappe au démystificateur

⁹ WISNIK. *Veneno remédio* – o futebol e o Brasil, p. 11-12.

¹⁰ LIPOVETSKY. *O império do efêmero*, p. 262.

¹¹ LIPOVETSKY. *O império do efêmero*, p. 281.

patiemment occupé à construire sur tout ces cadavres de mythes le plus grand mythe de tous, celui de son propre détachement. Lui seul, semble-t-il, ne désire jamais. Il s'agit toujours, en somme, de convaincre les *Autres* et surtout de se convaincre soi-même que l'on est parfaitement et divinement autonome.¹²

De um só golpe, Girard demolia as pretensões ao universalismo do intelectual “asceta” e universalizava o *desejo* como motor da ação humana. O “asceta”, porta-voz da “consciência crítica”, torna-se objeto de desconfiança ao se considerar (nos termos de Wisnik) “imune aos efeitos do inconsciente, e acima da alienação da massa”.¹³ Para Girard, a atuação do desejo sobre os indivíduos não seria sequer passível de “crítica”, pois pretender fazê-lo é pressupor-nos capazes de circunscrever o desejo a um âmbito controlado da experiência. Mais do que isso, é pressupô-lo desprovido de sentido e, portanto, “desnecessário”, i.e., desprovido de “função” social ou individual. É por isso que, diante de um fenômeno como o futebol, o “crítico” demonstrará a sua “dificuldade de entender que, mais do que o campo deserto da vida vazia, o futebol é um campo de jogo em que se confronta o *vazio da vida*, isto é, a necessidade premente de procurar-lhe sentido”.¹⁴ O desejo não é carente de sentido: no “vazio da vida”, ele move a *produção de sentido* – de sentidos irreduzíveis, porém, a “conteúdos” ou significações estáveis. Na ação do desejo sobre as subjetividades e nas ações motivadas pelo desejo, assim como acontece “no futebol, nas artes e na música”, “o conteúdo está ali como se não estivesse: na ausência de significado, mas fazendo *sentido* e pondo em cena conteúdos conflitivos e catárticos que o transformam nesse vespeiro universal de congraçamento e violência”.¹⁵

Não cabe considerar se essas produções de sentido são *a priori* “boas” ou “ruins” (elas podem oscilar, conforme o caso, do “congraçamento” à “violência”). O que interessa é afirmar, dentro de um cenário intelectual que tende a inferiorizá-lo, a *complexidade* do desejo: independentemente da sua tradução pela linguagem e das ações que ele motiva, o desejo e aquilo que o mobiliza – ou que existe para mobilizá-lo, como é o caso do futebol – nunca são “banais”. É por isso que trazer para o centro da análise o desejo, que não apoia na “razão” ou no “conceito” a sua própria fundamentação, colabora para complexificar a legitimação do futebol como objeto de investigação: passa-se a atribuir a ele, assim como à arte, um poder de atração que implode a “justificação”; não necessariamente bom nem ruim, o desejo não é nada mais, mas também nada menos, que um dínamo da ação humana. Se isso não o beatifica, tampouco permite que nos imaginemos “imunes” à sua influência – que se manifestará, de alguma maneira, nas ações e nas escolhas de qualquer “asceta”, de qualquer “crítico”...

Em si a-moral, o desejo muitas vezes arrasta a experiências que, efêmeras em seu acontecimento, produzem efeitos duradouros, cuja historicidade estará ligada ao impacto alcançado *após* a fulguração da sua aparição e desaparecimento. Nesse tipo de permanência determinado pela transformação da memória em patrimônio afetivo, eventos fugazes podem mobilizar os afetos em escala local, nacional, global, como talvez apenas o esporte,

¹² GIRARD. *Mensonge romantique et vérité romanesque*, p. 304.

¹³ WISNIK. *Veneno remédio – o futebol e o Brasil*, p. 45.

¹⁴ WISNIK. *Veneno remédio – o futebol e o Brasil*, p. 45.

¹⁵ WISNIK. *Veneno remédio – o futebol e o Brasil*, p. 45.

o cinema e a música popular tenham alcançado no segundo pós-guerra. Não é por acaso que um comentário de Greil Marcus sobre o rock ecoe algo da *presença* social alcançada pelo futebol:

Elvis Presley and the Sex Pistols changed the patterns of everyday life – raised its stakes – all over the world. If what they did led to no official revolutions, it made life all over the world more interesting than it would have been had they never appeared. (...) making life more interesting is the only standard of judgment that can justify the pages they can fill.¹⁶

Diante desse poder de tornar a vida mais interessante, o que mais poderíamos pedir de um fenômeno cultural? O que de mais importante ele poderia proporcionar? Que os fatos devam se adequar às racionalizações de uma “crítica” que se coloca à margem da sociedade que os produz e consome, é isso o que soa arbitrário: na contramão dessa tendência colocam-se as proposições de autores como Marcus e Wisnik, que sabem apreender a potencial importância daquilo que não se pretende importante.

ÉTICA DA LEGITIMAÇÃO: A IMPOSSIBILIDADE DA DENEGAÇÃO

A “crítica” encontra na apropriação do futebol pelo “capital” um estímulo ao “prazer improdutivo”, numa depreciação da associação entre dinheiro e prazer que pode ser descrita, aos moldes de Boltanski e Thévenot,¹⁷ como uma manifestação pontual da incompatibilidade de fundo entre o “mundo cívico” e “mundo do mercado” – dando testemunho do desacordo, tão antigo quanto radical, entre a valoração positiva creditada pelo “mundo cívico” às ações tributárias à concepção da sociedade como uma coletividade orientada para o “bem comum”, e a sua valoração negativa das ações orientadas para a satisfação dos desejos individuais (dentro de um universo de competição). Se, para o “mundo cívico”, o “bem comum” determina o mérito das ações e dos agentes, no “mundo do mercado” a satisfação pessoal é legitimada como direito à felicidade, à propriedade e à busca pelo prestígio. Segundo os autores, nenhum acordo tem sido possível, historicamente, entre esses dois “mundos”: a rejeição do “mundo cívico” ao “mundo do mercado” é radical e intransigente, sendo espelhada assimetricamente não por uma rejeição contrária, mas pela *indiferença* do “mundo do mercado” pelo “mundo cívico”.

Ocorre que desembaraçar o futebol das críticas que ele recebe do “mundo cívico” não é tarefa simples. Colocar o jogo valorativo no plano de generalização sugerido por Boltanski e Thévenot nos ajuda a compreender os contornos de um embate que inclui o futebol, mas que não parte dele. Isso em nada alivia, porém, a necessidade de responder às críticas que lhe são especificamente dirigidas: tentar denegá-las subtrairia a credibilidade de qualquer proposição alternativa. Seria pueril ignorar, por exemplo, a incorporação do futebol pela indústria do consumo: transformado em produto mercadológico, não estaria ele submetido a uma lógica diferente, contaminada por interesses alheios ao campo de jogo? Se o futebol se tornou um artigo de venda, isso não

¹⁶ MARCUS. *Lipstick traces*. A secret history of the twentieth century, p. 148.

¹⁷ BOLTANSKI; THÉVENOT. *On justification*. Economies of worth.

teria consequências diretas sobre a realidade do campo, modificando (e exacerbando) as pressões exercidas sobre jogadores, técnicos e dirigentes?

Diante dessas questões, Wisnik acata a impossibilidade da denegação. Ele não foge aos fatos, mas, ao não fazê-lo, ele tampouco acata a sua manipulação usual: se não há dúvida de que os problemas apontados pela “crítica” “estão associados, muitas vezes profundamente, às práticas futebolísticas[,] importa saber *como*, e, antes de tudo, esclarecer se a sua associação com o futebol é *necessária*”.¹⁸ Ou seja, há uma diferença fulcral entre definir o futebol a partir daquilo que o cerca – e que não poderia defini-lo, portanto –, e analisá-lo a partir daquilo que lhe é próprio desde a sua invenção, i.e.: as suas peculiaridades como esporte. É assim que Wisnik incorpora a “crítica” antecipando os seus limites, ao afirmar que

(...) enxergar o futebol através de evidências que lhe são (...) externas (...) é estar cego para aquilo sem o que, afinal, *todo o resto não importaria*. (...) Entre [as] forças aniquilantes, [o futebol se] constitui no limite fino, mantendo um parentesco latente com o rito, [mas] se superando, quando *acontece*, e graças à sua autonomia, enquanto esta existir, numa forma singular de arte.¹⁹

Há que se apreender aquilo que, no futebol, é próprio ao futebol: o limite da “crítica” está na sua incapacidade em *de facto* compreender, na sua imanência, o objeto criticado. Mas não se pode varrer os problemas para debaixo do tapete e, por isso, legitimar o futebol demanda *absorver* certas posições da “crítica”. Mais uma vez, essa estratégia encontra precedentes na analítica da arte; no caso do romance, cuja consolidação se confundiu com a própria criação do mercado editorial (impulsionada pela técnica da impressão), a crítica se vê a todo o momento obrigada a lidar com os limites das suas pretensões à “autonomia de criação”:

The novel is artistic form and commodity form wrapped in one, the first type of artwork in which the object the artist creates (the novel) is indissociable from the object manufactured to be sold (the book). (...) The novel enters the world as “use-value” and “exchange-value” at the same time. Its public always manifests itself at once as a readership and a market. Its aesthetic validity cannot therefore lie purely in negating exchange-value.²⁰

Mas hoje o romance possui um patrimônio de obras que se enquadram nas expectativas elevadas da “crítica”, à diferença de gêneros menos “canonizáveis” como a música pop – em que a legitimação obedece, nalguns exemplos, o mesmo compromisso de Wisnik com a não denegação. A questão é: se a mercantilização é ainda mais indissociável do universo pop do que do esporte, como se poderia apreciar a lógica imanente (i.e., não direcionada para “fora”) e a densidade de *artística* de produções desde o início concebidas para o consumo? Como não reduzir ao valor de troca produções tão claramente pensadas para o mercado?

¹⁸ WISNIK. *Veneno remédio* – o futebol e o Brasil, p. 44.

¹⁹ WISNIK. *Veneno remédio* – o futebol e o Brasil, p. 76, grifos no original.

²⁰ BRENKMAN. *Innovation: notes on nihilism and the aesthetics of the novel*, p. 829.

Não há resposta fácil, e algumas delas dão testemunho de uma convivência conflituosa, dentro do universo pop, entre o “mundo cívico” e o “mundo do mercado”. Foi o que Chris Cutler²¹ identificou na decisão irônica pelo anonimato de The Residents, grupo pop experimental que brincava com a possibilidade de fugir à contradição entre a formação de uma imagem pública que agisse para *atribuir valor* àquilo que eles faziam, e o *lançar a público* de objetos artísticos cujo valor não fosse decidido *a priori* pela assinatura dos compositores, mas pelas suas qualidades intrínsecas. Escondidos do público (como Thomas Pynchon), eles parodiavam as estratégias de *marketing* para anular os seus efeitos práticos, ridicularizando-os ao criar expectativas (de saciamento da curiosidade do público) que, imediatamente frustradas, evidenciavam os próprios meandros (midiáticos) da formação de expectativas, escancarando a sua banalidade. Ocorre que essa metarreferência, comum no campo artístico, não é, porém, facultada ao futebol: como jogo, ele não tem como se distanciar de si mesmo e tomar a si mesmo como “tema”.

Desse modo, os exemplos na música pop que mais se aproximam da estratégia de Wisnik vêm de Greil Marcus, em sua insistência na identificação da potência *estética* própria a cada fenômeno, sem a qual o analista o perderia de vista. É o que ele faz ao apresentar Elvis Presley como um evento cujo sucesso não seria explicável pela sua comercialização eficaz ou pela teorização que ele fazia de si mesmo: nem uma nem outra teriam por si produzido a sedução que ele exercia sobre o público. Que Elvis fosse “teorizado”, isso se vê na frase famosa de Sam Philips, seu primeiro empresário: “If I could find a white man with the Negro sound and the Negro feel (...) I could make a billion dollars.”²² Elvis nasceu teorizado como um fato musical-racial, o que foi enunciado numa formulação que reiterava a vocação comercial da música pop. Mas se a frase antecipa a condição de Elvis como uma lacuna na música pop americana – se, nele, a música negra deixaria de ser negra, num fenômeno cujo sucesso antecipado por Philips iria de fato se confirmar –, fato é que esse sucesso não teria se confirmado com a mesma intensidade em *qualquer* artista de características semelhantes. A teorização que influenciava a sua roupagem mercadológica não esgota, pois, a compreensão do fenômeno: Elvis não preencheu uma lacuna do mercado, mas uma lacuna da cultura, e por isso a sua presença se tornou tão fortemente singularizada e permanente no tempo – algo que o dado mercadológico não consegue explicar. Elvis foi um produto de entretenimento, mas como qualquer grande artista ele excedeu as suas condições originais de inserção no cenário artístico. Ele excedeu as condições temporais, materiais e simbólicas às quais foi lançado, nenhuma das quais seria capaz de explicar o seu impacto – que esteve ligado ao dado imponderável e hiper-específico da sua voz, do seu corpo, do seu equilíbrio tênue entre o erotismo, a agressividade e a autocontenção.

Essa abordagem singularizante fica ainda mais evidente na leitura de Marcus do Michael Jackson, de 1984 – cujo interesse, para nós, reside na sua tentativa de apreender a singularidade do fenômeno, sem perder de vista os seus problemas, i.e., sem se resignar meramente a “aceitá-lo”. Mais uma vez Marcus não trata o artista de sucesso como

²¹ CUTLER. *File under popular*.

²² MARCUS. *The dustbin of history*, p. 40.

maquinação do mercado. Ele não dissolve a sua singularidade nas generalidades da “crítica”, pois a indústria não detém em si o poder de determinar o sucesso daquilo que produz, o que sempre dependerá da ativação do desejo do público. Assim, a sua análise do sucesso de Jackson em 1984 coteja as suas especificidades estéticas para, apenas então, abordar a sua presença social como produto de consumo:

Beautiful, grown up but still a child, an Afro-American with surgically produced Caucasian features, androgynous, a challenging, communicating menace with the dip of a shoulder, comfort with a smile, singing a song from his new album, *Thriller*, stepping forward but somehow seeming to glide backward at the same time, walking the television stage not as if he owned it, not as if it was built for him, but as if his very presence had called it into being, he shocked the nation.²³

Marcus compreende a força de Jackson. Ao invés de tratá-lo como “instrumento” do “controle” da indústria sobre o público, ele situa as razões do seu sucesso nas suas qualidades imanentes: ao tratá-lo como uma “sparkling, brilliantly constructed version of pop music”,²⁴ ele o trata como um fenômeno capaz de impor as regras da sua própria apreciação. Apenas então ele critica o seu impacto social, que tampouco poderia ser idêntico ao de qualquer outra produção: apenas ao ter apreciado a sua força *estética* ele pôde delinear especificamente, e não genericamente, o caráter pernicioso da sua presença cotidiana:

Confronted with performers as appealing and disturbing as Elvis Presley, the Beatles, or the Sex Pistols, with people who raise the possibility of living in a new way, some respond and some don't – and this, if only for a moment, becomes a primary social fact. It became clear that Michael Jackson's explosion was of a new kind. (...) It was the first pop explosion not to be judged by the subjective quality of the response it provoked, but to be measured by the number of objective commercial exchanges it elicited.²⁵

O sucesso do produto “Michael Jackson” era medido pela sua capacidade de replicar a si mesmo: se é comum que o mimetismo participe do impacto social da música pop, nesse caso ele tinha a esterilidade da cópia, uma vez que Jackson produziu “not the imitators who followed Elvis, the Beatles, and the Sex Pistols, imitators who found themselves forming groups to find out what it was they had to say, but only impersonators”.²⁶ No entusiasmo da descoberta inesperada de uma imagem que catalisava a vontade de formação de um espaço social comum, os grupos que mimetizavam Elvis e os Beatles reinauguravam o mundo à sua maneira. Por sua vez, os fãs de Jackson apenas o copiavam, no tipo de homogeneização que a “crítica”, ao invés de localizá-la em casos específicos, toma como paradigmática do impacto da música pop *em geral*. Postando-se contra esta rasura das diferenças que a “crítica” *não* é capaz de enxergar entre Elvis e Jackson, Marcus demonstra que apreender a singularidade do fenômeno não mitiga a criticidade do observador, mas sim a *instrumentaliza*: compreender as especificidades do

²³ MARCUS. *Lipstick traces. A secret history of the twentieth century*, p. 96-97.

²⁴ MARCUS. *Lipstick traces. A secret history of the twentieth century*, p. 97.

²⁵ MARCUS. *Lipstick traces. A secret history of the twentieth century*, p. 109.

²⁶ MARCUS. *Lipstick traces. A secret history of the twentieth century*, p. 111.

fenômeno serve como propedêutica à crítica que queira de fato *conhecer* aquilo que critica – à diferença da postura de Adorno e Horkheimer em relação aos esportes que eles tão clamorosamente desconheciam, mas ainda assim criticavam.

O COTEJO DA IMANÊNCIA

A legitimação limita a abrangência dos modelos que podam a expressão do objeto sem denegar, contudo, os problemas que eles apontam. Tais problemas apenas deixam de integrar a definição do objeto, passando a ser compreendidos *sob a ótica do objeto*; insuficientes para determinarem o que ele é, eles passam a orbitar em seu exterior. Não é por acaso que Wisnik fala de uma crítica “externa” ao futebol: ao desafio da não denegação, ele responde com uma analítica da imanência, descrevendo as suas características como um tipo peculiar de *jogo*. E ao fazê-lo, ele se dissocia do grosso dos escritos sobre futebol, caracterizados por uma lacuna surpreendente:

A esmagadora maioria dos livros (...) fala de futebol sem falar *do futebol*. O assunto é o entorno, aquilo que cerca, mobiliza, reage, produz, envolve, explora o mundo do jogo – o grande universo do futebol subtraído daquilo que é a sua razão de ser. A [minha] tentativa é tratar desse buraco negro que é o próprio campo do jogo, perguntando sobre o que acontece nele, e seus efeitos. Tentar perseguir as ligações entre o jogo e os processos que o cercam, o interno e o entorno. Desde já, então, o rumo do nosso argumento vai contra a visão simplificadora e conspiratória de que o futebol se resume aos seus bastidores empresariais, se reduz à sua manipulação publicitária e a seus efeitos espetacularizantes. Essa (...) tende a ser uma visão de fora que aplica ao futebol, desprezando as suas particularidades, a crítica já pronta da indústria cultural e da sociedade do espetáculo – que nele chegaram, de fato, a uma expressão extremada. (...) Mas o lugar muito especial do futebol no mundo contemporâneo acaba por exigir uma leitura específica, a ser inventada.²⁷

Apenas as especificidades do jogo podem explicar, afinal, o seu tipo de presença social e o interesse que ele desperta. Daí que Wisnik liste uma série de peculiaridades que diferenciam o futebol dos outros jogos de bola, na tentativa de derivar, da sua dinâmica própria, a paixão que ele desperta. Ele encontra no espaço que o futebol abre para a contingência – em contraposição à otimização do rendimento – a raiz do seu *excesso* em relação ao planejamento, à preparação física e à disciplina coletiva que noutros esportes produzem um estímulo à eficiência comparável aos da estratégia militar e das operações econômicas. A importância da contingência num jogo de baixa precisão, no qual o desenho das jogadas envolve uma profusão de tentativas malsucedidas e lances do acaso, abrindo espaço para a expressão de estilos individuais e coletivos e onde um volume imenso de desperdício contrasta com uma quantidade pequena de sucesso (de número de gols), tudo isso, diferencia o futebol dos esportes de rendimento cumulativo – como o vôlei e o tênis –, que pontuam cada sucesso na somatória que determina, ao final, o vencedor: no futebol, o placar sequer apresenta uma relação necessária com as diferenças de qualidade em campo. Nas palavras do autor, o futebol,

²⁷ WISNIK. *Veneno remédio* – o futebol e o Brasil, p. 18-19.

(...) pela singularidade da sua formulação, abre-se, mais do que os demais esportes, a uma margem narrativa que admite o épico, o dramático, o trágico, o lírico, o cômico, o paródico. Nele, o tempo da competição é mais distendido, alargado e contínuo. (...) A margem flutuante de acontecimentos que não se contabilizam, mas que são inerentes à trama continuada da partida, constitui-se, nele, numa sobra significativa que amplia o alcance dos seus efeitos (para não dizer dos seus conteúdos, que são difusos e indeterminados, como na música). [Noutros esportes] há um foco mais cerrado sobre cada momento contábil, em que se traduz em números ou em ganho de território o embate frontal de performances. (...) No futebol, temos uma seqüência contínua e inumerável de alternativas em que o avanço numérico é um acontecimento entre outros, que se destaca de um magma de possibilidades não cumpridas, de um vai-e-vem de lances falhados ou belos em si.²⁸

Wisnik segue adiante procurando localizar as fontes do excesso do futebol em relação à quantificação, destacando os “componentes de indeterminação, [a] abertura estrutural à interpretação [e] ao acaso, [a] combinação de finalismo com gratuidade, [numa] narratividade diversificada que pode se traduzir em gêneros e estilos”.²⁹ Na comparação com esportes de rendimento mais otimizável, no futebol se destacam “a ‘valorização’ da posse de bola, o tempo produtivo e o tempo improdutivo, a catimba, o desperdício e a poupança, os ‘olés’”,³⁰ “o tempo se distende, como se durasse eternamente por um instante”,³¹ “Ao contrário das artes em geral, a competência pode ser contabilizada porque se traduz em gols. Mas ao contrário dos outros esportes, a contabilização não dá conta do acontecimento”.³² A isso se soma a *interpretação*, frequentemente indecível, que é inerente à compreensão das partidas e à sua própria arbitragem, tão notoriamente repleta dos erros e das ambiguidades que povoam as narrativas populares e midiáticas dos eventos, sendo não raro lembrados muito após o fato. O jogo não se esgota no campo nem se encerra no tempo de duração da partida: esta abertura para o suplemento afetivo e semântico transforma o futebol num “ponto de encontro” da cultura, num catalisador de forças sociais que ele tanto absorve – no campo, nas arquibancadas, no marketing, na radiodifusão – quanto reprocessa à sua maneira, singularizando-se culturalmente ao mesmo tempo em que preserva a sua comunicabilidade planetária. Se, diante disso, a “crítica” ainda o rejeita, é por selecionar dele os seus componentes mais aparentemente “brutais” ou “regressivos”:

Para quem o imaginário da história é o avanço da consciência plena rumo a um horizonte salvífico, o jogo parece regredir sempre, num ciclo irritante, ao ponto de partida. Para aqueles outros que, imbuídos de uma teoria crítica geral, não vêem sinais de vida na catástrofe do mundo, o jogo é destituído de graça, além de participar em bloco do processo de dominação.³³

Não há espaço, nesses termos, para a dignificação do futebol. Ambas as posturas esperam dele sentidos e efeitos práticos que, em sua imprevisibilidade e ausência de finalidade externa, ele jamais poderá oferecer. Como alternativa, Wisnik não o afirma

²⁸ WISNIK. *Veneno remédio* – o futebol e o Brasil, p. 19.

²⁹ WISNIK. *Veneno remédio* – o futebol e o Brasil, p. 114.

³⁰ WISNIK. *Veneno remédio* – o futebol e o Brasil, p. 111.

³¹ WISNIK. *Veneno remédio* – o futebol e o Brasil, p. 111.

³² WISNIK. *Veneno remédio* – o futebol e o Brasil, p. 111.

³³ WISNIK. *Veneno remédio* – o futebol e o Brasil, p. 46.

“bom”, o que seria conferir-lhe *a priori* uma valorização positiva que seria tão “transcendente” quanto aquela que o rejeita. Ele não inverte hierarquias de valor, mas apenas defende que, diante de um fenômeno cuja presença e mobilização afetiva é tão portentosa, devemos inicialmente tentar compreendê-lo tal como ele é. Nada objetivamente “melhora” com o surgimento do futebol; ele não é intrinsecamente “bom”. Mas são as próprias noções normativas de “Bem” que hoje perdem sentido, especialmente quando a produção do futuro deixa de monopolizar o pensamento social. Se a atitude de *rejeição do mundo* coloca a “crítica” no limiar do autoritarismo, Wisnik identifica na abertura à contingência, que o futebol materializa em grau semelhante à arte, um espaço de “produção do novo” dissociado dos grandes singulares da História, da Política e da Economia:

Para quem a vida se alimenta (...), na sua multiplicidade aberta, de uma margem irrecusável de desejo e acaso – em uma palavra, de jogo –, o futebol pode ser objeto simultâneo de paixão e desafio intelectual. Esta disposição não é muito diferente daquela que é pedida pela arte – que supõe certa dose de aceitação da violência simbólica e da gratuidade. Dito isso, seria preciso entender que a consciência histórica, a inteligência crítica e a vontade política, por um lado, e o tempo do jogo, por outro, são dimensões incomensuráveis que não se transferem e não se reduzem, assim como não se anulam e não se excluem.³⁴

Essa abertura ao imprevisto desapontará quem continua à espera de “grandes soluções”. Ela também frustrará quem esperava de Wisnik a proposição de um novo consenso que incluísse o futebol em seu centro valorativo. Mas nada disso acontece, simplesmente porque não pode acontecer: legitimar o desejo e o sentido sem significado é postular uma cultura sem centro, ou constituída de uma infinidade de centros. Isso não representa uma ausência de valores: problemas existem para onde quer que se olhe; no futebol, eles estão na espetacularização do jogo, na sua violência, na influência do dinheiro sobre o mérito esportivo, na infantilização do público... Mas esses problemas, no futebol, se expressam *enquanto futebol*, i.e., na própria prática do jogo. Wisnik critica o futebol *como futebol*, ao lamentar, por exemplo, a “otimização do rendimento” (com o predomínio da defesa sobre o ataque), a trivialização das pequenas faltas e do choque físico, a obsessão com a preparação física que o transforma num jogo de ocupação de espaços e atravanca a sua fluência, todos eles instrumentos de planejamento que procuram assegurar o resultado – e, com ele, o investimento financeiro – *contra* a produção do inesperado... Em suma, estabelece-se que o futebol coloca *como jogo* os problemas que o afligem, mesmo quando tais problemas são provocados pelo seu entorno.

Ao autonomizar assim o seu objeto, não há nada que Wisnik queira *decidir*. “Grandioso”, no futebol, é o seu poder de catalisar e dinamizar as forças sociais circundantes, integrando – mas sem determiná-lo – o devir da cultura. Sem significado, mas pleno de sentido, o futebol se recusa a ser circunscrito por atribuições normativas de valor – recusa que dá origem, em Wisnik, a uma analítica que limita a ação da norma sem normativizar esse mesmo gesto de limitação. E se a recusa da norma não sugere uma norma alternativa, tem-se nela um gesto de abertura – o gesto de Wisnik, em sua operação de legitimação do futebol.



³⁴ WISNIK. *Veneno remédio* – o futebol e o Brasil, p. 46.

ABSTRACT

Analysis of the operation of legitimation of soccer as an object of intellectual concern in José Miguel Wisnik's *Veneno remédio*. Correspondences with similar works of legitimation in the literary and pop music studies. After a preliminary discussion about legitimation, three steps follow: 1) characterization of the antagonist against whom Wisnik legitimizes his object, through the comparison with propositions by Hannah Arendt, Gilles Lipovetski and René Girard; 2) discussion of Wisnik's ethics of legitimation (through comparisons with the pop music critique), as he *absorbs* the accusations against soccer while re-shaping them; 3) discussion of how Wisnik understands the analysis of soccer's specificities as a pathway for an analytic that does not smother it under expectations external to its own logic. There follows a final comment on Wisnik's proposition that soccer expresses *as soccer* the problems that haunt it, which goes parallel to his refusal of establishing any values that would subtract soccer from the free-flow of culture and freeze it into some specific hierarchical position, be it high or low.

KEYWORDS

Legitimation, aesthetics, soccer

REFERÊNCIAS

- ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. *Dialética do esclarecimento*. Trad. Guido Antônio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.
- ARENDDT, Hannah. *Sobre a revolução*. Trad. Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- BAKHTIN, Mikhail. *Questões de literatura e de estética*. A teoria do romance. Trad. José Pereira Junior. São Paulo: Hucitec, 1998.
- BOLTANSKI, Luc; THÉVENOT, Laurent. *On justification*. Economies of worth. Trad. Catherine Porter. Princeton: Princeton University Press, 2006.
- BRENKMAN, John. Innovation: notes on nihilism and the aesthetics of the novel, in: MORETTI, Franco (Org.) *The Novel*. Princeton: Princeton University Press, 2006. v. 2: Forms and Themes. p. 808-838.
- CUTLER, Chris. *File under popular*. New York: Autonomedia, 1993.
- GIRARD, René. *Mensonge romantique et vérité romanesque*. Paris: Hachette Littératures, 2009.
- HUET, Pierre-Daniel. *Traité de l'origine des romans*. Paris: N. L. M. Desessarts, 1907.
- JAMES, Henry. *A arte da ficção*. Trad. Antônio Paulo Graça. São Paulo: Imaginário, 1995.

LIPOVETSKY, Gilles. *O império do efêmero*. Trad. Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia de Bolso, 2009.

MARCUS, Greil. *Lipstick traces. A secret history of the twentieth century*. Cambridge: Harvard University Press, 1989.

MARCUS, Greil. *The dustbin of history*. Cambridge: Harvard University Press, 1995.

WISNIK, José Miguel. *Veneno remédio – o futebol e o Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.